

A importância do turismo na estrutura funcional de Évora

D. Simplício^(a), N. Camelo^(b)

^(a) Departamento de Geociências, Universidade de Évora, domingas@uevora.pt

^(b) Município de Évora, Portugal, nunocamelo@cm-evora.pt

Resumo

Baseando-se na evolução da estrutura funcional vocacionada ou mais ligada à procura de Évora por parte dos turistas que visitam a cidade, este trabalho procura fazer uma reflexão sobre a forma como, ao longo dos últimos 30 anos, o incremento do fluxo turístico tem marcado as alterações verificadas nessa estrutura.

Para o efeito, procedeu-se a uma avaliação da ocorrência e distribuição das funções urbanas mais interligadas com o sector do turismo no período entre 1985 (antes da classificação do Centro Histórico de Évora como Património Mundial) e 2014, tendo 2012 como data de referência intercalar, por marcar o evidente reflexo na situação atual dos constrangimentos económicos e financeiros que se fazem sentir, tanto na esfera de intervenção pública, como no setor privado. Finalmente, procuram-se encontrar algumas perspetivas sobre o que, para a área temática em análise, se pode esperar para a sua evolução nos próximos anos.

Palavras chave: Évora, Centro Histórico, Turismo, Evolução funcional

1. Introdução

De acordo com o conceito “oficial”, adotado quer pelo Instituto Nacional de Estatística, quer pelo Turismo de Portugal, I.P., por turismo entende-se o conjunto de “atividades realizadas pelos visitantes durante as suas viagens e estadas em lugares distintos do seu ambiente habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a 12 meses, com fins de lazer, negócios ou outros motivos não relacionados com o exercício de uma atividade remunerada no local visitado”. Uma das principais fragilidades dessa definição, apontada por autores como Cunha (2010), consiste em não abranger “as atrações e os meios que originam [as viagens e estadas], e as facilidades criadas para satisfazer as necessidades” delas decorrentes. Ora, é precisamente no âmbito dessa lacuna que se enquadra o presente trabalho, ao procurar evidenciar o peso que algumas das funções mais diretamente relacionadas com o turismo assumem na estrutura funcional e na vitalidade do Centro Histórico (CH) de Évora.

De facto o CH de Évora possui um elevado valor patrimonial e cultural decorrente de uma longa e rica evolução histórica; o reconhecimento máximo desse valor, proporcionado não apenas pelo elevado número de monumentos e edifícios arquitetónica e historicamente relevantes, mas também pelo conjunto

harmonioso constituído pelos edifícios que formam a sua malha urbana, surgiu em 1986, com a sua classificação pela UNESCO como Património Cultural da Humanidade.

Embora a classificação da UNESCO constitua um marco na afirmação de Évora, a atração turística exercida pela cidade é bastante anterior e, de alguma forma, ela fazia já sentir-se desde o final do século XIX e início do século XX.

Por essa altura, a preservação e divulgação do património histórico eborense mobilizava os responsáveis e estudiosos da cidade, assumindo mesmo, como é o caso da edição do “Roteiro da Cidade de Évora e breves notícias dos seus principais monumentos”, um carácter pioneiro. (Revista “Évora Mosaico”, nº 10, 2011). Num outro plano também a melhoria dos transportes (a criação da ligação ferroviária a Évora data de 1863) contribuiu para potenciar a atração turística da cidade.

Apesar da longevidade da procura turística de Évora que, como se referiu foi substancialmente reforçada com a classificação pela UNESCO, também o CH de Évora sofreu o processo de deslocação da sua população para as novas urbanizações extramuros, ameaçando quer a preservação das habitações, quer a vitalidade funcional desse sector.

Reconhecendo essa ameaça, mas também o potencial do CH como elemento de promoção do desenvolvimento turístico da cidade, já que como refere Azevedo (2010), “o turismo é a atividade, por excelência a explorar em qualquer centro histórico”, a recuperação e preservação do CH suscitou particular atenção, desde logo com a criação, em 1982, do Núcleo do Centro Histórico, que procurava centralizar toda a gestão do CH.

Outras decisões contribuíram igualmente para a revitalização do CH, com destaque para a recuperação para instalação da UE de diversos edifícios dispersos pela malha urbana e mais recentemente, para o programa Acrópole XXI, lançado em 2011 para revitalizar o núcleo urbano da cerca velha do CH de Évora, através da promoção de ações de regeneração urbana (Revista “Évora Mosaico”, nº 10, 2011).

É neste enquadramento que evidencia a estreita articulação entre o valor cultural e patrimonial do CH de Évora e o peso que o sector do turismo assume na promoção e valorização desse sector que se coloca a realização do presente trabalho. Com ele pretende-se contribuir para um melhor conhecimento da evolução funcional mais ligada ao sector do turismo, num período de grande expansão (1985 - 2012) e também avaliar de que forma foi neste sector sentida a profunda crise económica acentuada no período 2012-2014, visivelmente marcado quando se percorrem as ruas do CH, pelo elevado número de estabelecimentos atualmente encerrados.

2. Evolução funcional

A ocorrência de funções nos centros urbanos é em si mesma um espelho da vitalidade e dinamismo desse centro, na medida em que as características da população que reside ou recorre à cidade determinam, em parte, a sua estrutura funcional, já que é o número de potenciais clientes e o seu nível socioeconómico que condicionam a quantidade e diversidade de funções que se instalam num aglomerado urbano.

A estrutura funcional de Évora evidencia a confluência de cinco condicionantes:

- Uma população residente em 2011, na área urbana de 45 350 habitantes, num total de 56 600 do concelho;
- O papel de “capital regional” e de principal polo de atracção da região Alentejo;
- A reativação e afirmação da Universidade na década de 80 do século passado;
- O reconhecimento como Património da Humanidade em 1986;
- A forte crise económica (e também social) que marca sobretudo o último triénio (2011-2014).

A evolução da estrutura funcional do CH ocorrida ao longo dos últimos cerca de 30 anos reflete, de alguma forma, a influência destes mesmos fatores. Como aspetos mais relevantes nesta evolução, pode-se referir a quebra significativa dos estabelecimentos comerciais de produtos alimentares (mercearias, padarias, talhos e peixarias de atividades de carácter artesanal ou de pequena indústria, sector que evidencia clara tendência para diminuir o seu peso nos núcleos centrais e históricos dos aglomerados urbanos.

Contrariamente, alguns ramos comerciais verificaram, a partir de 1985, uma expansão importante não só em termos de aumento das unidades funcionais mas também na diversidade e qualidade de produtos oferecidos, como é o caso do comércio de vestuário, calçado e acessórios de moda. Porém, no último triénio são notórias as dificuldades sentidas neste ramo, com o encerramento de alguns estabelecimentos, mesmo em localizações relativamente centrais.

Outras atividades funcionais que mereceram referência pela evolução que registaram no período considerado são as escolas de música, dança e línguas, criadas quase todas depois de 1985, o mesmo acontecendo com a totalidade das casas de fotocópias e com os bares, discotecas e outros locais de diversão noturna. A expansão destes serviços é compreensível face às características da população que normalmente lhe está associada; são o reflexo do acréscimo da população jovem e estudantil que a cidade atraiu com a expansão da Universidade.

Centrando a análise no objetivo do presente trabalho, ou seja a importância do sector do turismo na estrutura funcional do CH de Évora, procedeu-se à avaliação mais pormenorizada de três dos tipos de

estabelecimentos que se consideram mais relevantes para aquele sector: restaurantes, hotéis e similares e lojas de artesanato e de produtos *gourmet*.

A figura 1, que mostra a localização destas unidades funcionais em 1985 e 2014, evidencia que é no número de restaurantes que mais se faz sentir a afluência de pessoas à cidade, já que aqueles triplicaram no período considerado, passando de 27 em 1985 para 82 em 2014, valor muito próximo dos 79 registados em 2012. Admite-se, no entanto, não serem apenas os turistas os responsáveis por este aumento de estabelecimentos; também a população que reside na periferia e trabalha diariamente no Centro Histórico, não se deslocando a casa no período do almoço, contribuirá para a evolução deste tipo de estabelecimentos não só em número, mas na diversidade; com efeito, a par da gastronomia regional surgem hoje várias possibilidades de cozinhas estrangeiras, para diferentes clientelas e diferentes gamas económicas.

Os restaurantes concentram-se, atualmente, em torno da área central, localizando-se cerca de 40 % nas ruas que partem da Praça do Giraldo, a menos de 200 m daquele ponto e nas vias mais importantes ou movimentadas, sobretudo no sector NW da cidade intramuros. Saliente-se, no entanto, que alguns dos melhores estabelecimentos deste ramo surgem em ruas de reduzida importância, todavia bem conhecidas da clientela específica a que se dirigem.

Também o número de estabelecimentos hoteleiros registou um aumento considerável, existindo atualmente quase o dobro das unidades contabilizadas em 1985, ou seja 25 em 2014 (24 em 2012) contra 13 em 1985. A par da abertura de alguns hotéis de gama superior, localizados nas proximidades da Cerca Nova onde existia espaço disponível e com boa acessibilidade, surgem, mais recentemente, diversos estabelecimentos de Alojamento Local, numa posição mais central.

A figura 1 mostra que, como seria de esperar, dados os requisitos de acessibilidade, mais de metade dos estabelecimentos hoteleiros se localizam no interior ou em torno da antiga cidade romana, estando os restantes, preferencialmente, junto das principais vias de saída do CH ou mesmo fora do perímetro amuralhado, embora muito próximo dele.

Saliente-se que não estando aqui referidos alguns hotéis e unidades de turismo rural mais afastados da cidade intramuros (o concelho de Évora regista em 2014 outros 16 empreendimentos), também eles são o reflexo do reforço da oferta turística de Évora, que igualmente justifica que em 2014 estejam registadas pelo Turismo de Portugal, I.P. 14 empresas de animação turística (mais duas que em 2012).



Figura 1 - Evolução funcional entre 1985 e 2014 (ramos associados ao turismo)

Fonte: Simplicio e Alegria (2001) e levantamentos de campo (2012 e 2014).

Analisando a evolução dos estabelecimentos de venda de artesanato e produtos *gourmet*, um ramo de comércio largamente vocacionado para os turistas, verifica-se que houve, a partir de 1985, um acréscimo de quase de 140%, ou seja de 14 estabelecimentos para 33 em 2014 (31 em 2012). A evolução registada pelo comércio de artesanato não é só a nível quantitativo (em termos de número de unidades funcionais), verificando-se também na diversidade, tipo e qualidade dos artigos oferecidos, atualmente com uma forte exploração da possibilidade do uso da cortiça para o fabrico de uma vasta gama de objetos e utensílios.

Na rua 5 de Outubro e suas proximidades localizam-se mais de 70% das lojas de artesanato, o que se percebe por este ser o eixo de ligação, Praça do Giraldo - Sé e Templo Romano. Aliás esta preferência de localização já existia em 1985 quando ali se concentravam mais de 40% das lojas de artesanato do CH.

O comércio de produtos *gourmet* é mais recente, tendo os 11 estabelecimentos assinalados em 2014 iniciado a sua atividade nos últimos cinco anos, três dos quais depois de 2012. De facto, este tipo de comércio, associado ao interesse pelos produtos caracterizados pela qualidade dos seus ingredientes e pelo cuidado e rigor colocados na sua elaboração, tem-se desenvolvido recentemente, constituindo um ramo relativamente pouco afetado pela atual crise económica. Conjugando-se, por vezes, com os de artesanato, estes estabelecimentos localizam-se predominantemente em torno do principal eixo de comércio da cidade intramuros, constituído pela rua Cândido dos Reis, Praça do Giraldo e Largo das Portas de Moura, com uma derivação até à Praça 1º de Maio.

3. Conclusões

Pode considerar-se que a importância do turismo para a cidade há muito se faz sentir, assumindo, a nível nacional um papel destacado no que atualmente constitui o segmento do turismo cultural. Se inicialmente eram, sobretudo, os edifícios históricos e monumentais que determinavam a atração turística, com a classificação pela UNESCO como Património Mundial do Centro Histórico, em 1986, passou a ser todo esse conjunto e a sua vivência urbana que suscita o interesse e procura turística.

Como reflexo do incremento da procura turística subsequente à classificação pela UNESCO, verificou-se um grande crescimento das funções ligadas ao turismo entre 1985 e 2012, tanto em número, como em qualidade e diversidade.

Contrariamente a outros ramos, é assinalável a resistência das funções ligadas ao turismo no período 2012-2014, já que a um reduzido número de encerramentos, se contrapôs a abertura de novos estabelecimentos, mantendo-se (ou mesmo crescendo ligeiramente) o número global. Esta resistência assume ainda mais relevância considerando que a atual crise económica se traduziu, também, nas restrições sentidas a nível cultural, por falta de apoio aos agentes com a consequente redução de atividades.

No entanto, constitui já motivo de forte preocupação, o perigo de contágio ao turismo da crise, em conjugação com o despovoamento e envelhecimento da população e a degradação dos edifícios, com a consequente ameaça sobre alguns estabelecimentos, não apenas por eventual redução da procura, mas também pela deterioração da vivência urbana na sua envolvente. Contrariar esta tendência, que pode mesmo agravar-se nos próximos anos, deverá concentrar as atenções das entidades responsáveis e mobilizar os diversos intervenientes na procura das soluções adequadas.

Mais do que quem quotidianamente o percorre, quem conheceu o CH no fim do século XX e a ele regressa agora manifesta desencanto e apreensão com o que encontra perante a degradação dos edifícios em diversos quarteirões, por vezes mesmo relativamente centrais. O combate a este desapontamento é sem dúvida importante, mas mais premente é ainda encontrar os meios e as iniciativas que vão ao encontro das necessidades dos residentes no CH e dos que nele desenvolvem as suas atividades.

Bibliografia

Azevedo, FD (2010). *O papel do sector do turismo na reabilitação urbana da baixa do Porto*. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil. Porto: Universidade do Porto.

C.M. Évora (2011). *Évora Mosaico* nº 10, Out/Nov/Dez 2011: Évora: CME.

Cunha, L. (2010). A Definição e o Âmbito do Turismo: um aprofundamento necessário. [Online]. Disponível em <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/665/A+Defini?sequence=1>. [Acedido em 16/07/2014]

Simplicio, M.D. e Alegria, J.M. (2001). *Algumas notas sobre a estrutura funcional terciária de Évora*. Évora: CME.

Turismo de Portugal, I.P. (2014) – Serviços na Web. Registo Nacional de Turismo (RNT). [Online]. Disponível em <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/Pages/servicosnaweb.aspx> [Acedido em 12/05/2014].